

# 10

## Aporias do eu: experiência, negatividade e morte no romance de Proust

Graciela Deri de Codina

---

### 1 Introdução

Se entendermos por aporia tanto a dificuldade própria de se atingir um raciocínio conclusivo quanto o impasse instaurado por um paradoxo que aponta para uma contradição insolúvel, podemos considerar que, quando terminamos de ler a *Recherche*<sup>1</sup> de Proust, uma questão permanece aporética: o sentido que emerge do longo caminho da desilusão é um resultado que já estava lá desde seu começo.

Na *Recherche*, podemos enfatizar a dificuldade em abordar a circularidade vislumbrada na medida em que ela pressupõe um processo de totalização no qual a totalidade não se realiza. As sucessivas mortes carregadas pelo eu parecem ter um estatuto ambivalente, por um lado, constituem perdas que não se recuperam, por outro, e o movimento que as institui se repete indefinidamente em duas dimensões: como dialética que perfaz o mesmo percurso da desilusão e como irrupção da recuperação do perdido. Ora, esta última afirmação consiste numa aporia evidente, aporia que permanece em aberto, sem conclusão nem síntese possível.

O impasse somente pode ser colocado a partir da consideração do sobressumir dialético (*aufheben*), ou seja, o que o herói vivencia como morte é a negação dialética que conserva, de alguma forma, o perdido, e enriquece a experiência que a voz do narrador, mais presente no último volume, vai constatando

e compreendendo. Torna-se inevitável formular uma questão: poderíamos compreender melhor os diferentes eus como conflito permanente e não somente como eus em tempos diferentes?

A questão se torna extremamente complexa quando pensamos a presença, na totalidade da obra, de uma subjetividade oculta que se esfacela nas diferentes instâncias e vozes narrativas, o que inclui não só o escritor e o narrador, mas também o herói e as personagens. Neste sentido, a estrutura procura a unidade se multiplicando; a aspiração de identidade persegue, através da literatura, uma criação de si que se revela um fracasso, já que o esfacelamento em múltiplos eus pressupõe mortes de si não somente no tempo, mas também no espaço. Cada uma das facetas que a subjetividade assume nos pontos de vista possíveis produz uma pluralidade de significados irreconciliáveis: parece que todos os eus se transformam em seres de fuga, como a amada Albertine. Como compreender uma subjetividade que se duplica em direções diferentes e concomitantes?

Após a consideração da possibilidade de compreensão a partir do movimento dialético, o que se manifesta mais claramente é uma espécie de necessidade de sobressumir os momentos que nutrem a formação do todo, movimento para poder ser outro e continuar o mesmo, dado que o pressentimento da vocação já estava lá desde o início da obra e, concomitantemente, constitui a descoberta final. É preciso pensar a possibilidade de que a tensão conduza a aporias irresolúveis, que o movimento se renove indefinidamente em múltiplas dimensões como estatuto ontológico do eu. Neste sentido, o todo seria inatingível pelo fracasso de uma totalidade fechada, mas a própria obra atestaria a possibilidade de uma eterna renovação do processo de totalização no qual o mesmo-outro poderia permanecer aberto a novos desdobramentos do si.

Embora seja pertinente lembrar, com Ricoeur (1997), que é preciso renunciar à tentação hegeliana da mediação total, também é possível apontar o caráter trágico da experiência do eu na *Feno-*

*menologia do espírito*. Nesse sentido, apesar da impossibilidade de transpor de maneira automática a experiência da autoconsciência em Hegel para a análise do eu na *Recherche*, pensamos que o movimento dialético da autoconsciência apresenta uma dimensão trágica na consideração da experiência como morte que ajuda a compreender o problema da subjetividade na obra de Proust.

O volume da *Recherche* intitulado *A fugitiva* se estrutura duplamente: como desconstrução da ilusão do si e como lento e complexo movimento do esquecimento em direção a um outro de si. No intuito de compreender melhor este duplo movimento na questão da morte dos eus, pode-se recorrer ao conceito de experiência na *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, para auxiliar na penetração reflexiva da ambiguidade que se apresenta na morte e no reencontro posterior desses eus. Pretendemos, num primeiro momento, fazer uma breve incursão pela *Fenomenologia*, para, posteriormente, analisar a questão da identidade em *A fugitiva*.

## 2 Experiência e negatividade

Na introdução da *Fenomenologia do espírito*, Hegel descreve o desenvolvimento da experiência como um movimento específico que denomina dialética. A descrição da experiência da consciência mostra como sua relação com o mundo, com a vida, é um caminho que conduz ao saber, mas que, no entanto, para atingir esse saber, a consciência terá de negar cada uma das certezas e verdades em cada um dos seus desdobramentos.

O caminho percorrido pela consciência natural em direção ao saber verdadeiro é uma experiência que poderíamos aproximar do sentimento de luto, porque decorre da desilusão perante o objeto e a medida. Com efeito, o sentimento de perda permeia tanto o objeto do saber como a medida encarregada de fornecer critérios para a validade do conhecimento. Luto, neste contexto, significaria a necessidade de uma elaboração que permita a superação do

sentimento de perda, incorporando os momentos da vivência.

O conceito inicial e imediato que a consciência natural forma mostrar-se-á não verdadeiro porque ele é igualdade imediata (HEGEL, 1988). Segundo Hegel (1988), o conceito realmente efetivo é a identidade de ser ele mesmo no seu ser outro, portanto, ele pressupõe cisão e desigualdade no seu próprio devir. Para nós, esta cisão faz parte de seu caminho, para ela, é vivência de perda. É neste sentido que Hegel se refere a esta experiência da consciência como sendo a da perda de si mesma, do desespero e da dúvida. O saber da consciência é um saber provisório, que vai perdendo suas certezas e verdades a cada nova figura; o objeto lhe escapa e cada novo objeto que seu desejo de saber coloca é percebido como ilusão. O fim de cada estágio é uma volta ao início porque a consciência fica insatisfeita com o resultado e experimenta a angústia da desigualdade entre ela própria e o conceito atingido por esta experiência. Então, se produz o ceticismo a respeito do resultado que se apresenta, para este ceticismo, como um puro nada. No entanto, este nada é um algo na medida em que é o resultado daquilo de que provém; neste sentido, é um nada que tem um conteúdo. Esta negação determinada é o que salva a consciência de sua própria morte porque, para sobreviver, ela precisa transcender esse nada, procurar um outro de si mesma.

A consciência deve passar pelo sofrimento de negar o limitado, depois experimenta a angústia da ameaça de morte que só é superada pela inquietude do pensamento. Esta morte não deixará de estar nela no decorrer de todas as figuras que se sucederão, já que faz parte de sua constituição e se renova a cada momento de perda de seu objeto, pois cada perda é o surgimento de um novo objeto e, por conseguinte, de uma nova experiência. Por isso, a angústia perpassa todo o desenvolvimento da consciência e determina cada um dos seus desdobramentos.

É necessário distinguir dois tipos de morte possíveis: a primeira seria uma morte abstrata ou um negar sem conservar; a segunda

é aquela que enfrenta o vazio de negar face a face o real dado, conserva essa negação e a sobressume (*aufheben*). Com efeito, é no pensar que ela sobressume o que poderíamos denominar seu existir natural, é esta inquietação de ir além de si mesma que a impulsiona para fora de uma existência inconsciente ou meramente natural. O processo de formação (*Bildung*) da consciência é um autofazer, um experimentar-se, precisa desenvolver uma experiência total dela com ela mesma, por-se a prova a cada nova desilusão.

A desilusão perante o resultado deve propiciar o sobressumir, um suprimir que, concomitantemente, conserva. Portanto, as perdas se conservam como parte de um processo, o que a consciência experimenta como morte e posteriormente como negação é, na verdade, uma forma unilateral de ver o processo. O nós que acompanha este desenvolvimento pode compreender como a consciência se enriquece a cada perda; ela apenas experimenta a mudança. O filósofo a vê como movimento dialético.

O movimento de transformação é um processo que pode ser interpretado como análogo à elaboração do luto porque a consciência interioriza e incorpora a perda para poder conservá-la de alguma maneira e assim possibilitar o caminho de sua formação. Mas esse luto não é necessariamente produto de uma morte do objeto, na verdade, há uma transformação do objeto e do próprio critério que utilizamos para seu saber, que nos desiludiu e, portanto, precisamos abandoná-lo. Considerando que esse abandono não pode ser total porque o novo critério e o novo objeto se formaram a partir dele, a consciência passa pelo período que poderíamos aproximar da elaboração do luto, uma vez que na necessidade de abandonar o objeto ocorre a transformação da consciência que parte para uma nova medida ou critério, ou seja, outra estruturação de seu si.

Em outras palavras, o exame de seu próprio critério para conhecer o real e a desilusão que ocorre quando o real é inadequado à medida estabelecida para saber sobre ele, propicia uma volta para dentro de si mesma que a consciência precisa tentar para

superar essa inadequação. Este é o caminho de dúvida, desespero e violência sobre si mesma que a consciência deve percorrer com o objetivo de atingir a si mesma e seu saber. Esta experiência forma a consciência, permite que ela incorpore camadas cada vez mais amplas de experiências que vão possibilitar a criação de si e de seu mundo como seu.

Podemos interpretar este movimento como uma maneira de sobressumir os modelos que nós mesmos criamos a partir de nosso contato inicial com o mundo, tanto natural quanto social. Com efeito, pensamos que o caminho de formação da consciência está permeado de decepções porque ela produz algo que denominamos modelo, mas que poderíamos pensar como visão primeira do mundo e de si mesma que, na interação com a realidade efetiva, se vê obrigada a abandonar. Neste sentido, podemos compreender que, como cada resultado não confirma uma proposta inicial, a unidade consigo mesma acaba não se configurando na própria experiência. Os fracassos sucessivos da consciência se dão porque ela atinge em cada estação uma verdade que se tornará ilusória dentro do seu próprio saber, e, assim, o indivíduo nunca consegue ser a unidade pretendida. Como indivíduo, a consciência é sempre insuficiente e cindida, portanto, sentirá unilateralmente o fracasso.

A “fenomenologia” atesta uma insuficiência do eu individual através do que denominamos seus fracassos enriquecedores, insuficiência e fracassos que nos mostram um sujeito percorrendo um caminho de dúvida e desespero constante, provocado por uma espécie de necessidade de superar seu limite na procura de algo que preencha um vazio ávido de conteúdo, conteúdo sempre proposto, mas inatingível, aspiração de unidade impossível, desigualdade entre si e um mundo intransponível dentro do próprio eu, cisão permanentemente renovada a cada tentativa de superação, mal-estar que perpassa todas as dimensões do humano. O que é a autoconsciência? A história de sua formação

nos mostra um eu permeado de uma carência essencial, marcado por sucessivas perdas de objetos, certezas e verdades.

### 3 A experiência na *recherche*

A compreensão da obra como maturação no último volume (*O tempo recuperado*) se dá no contexto do comentário a respeito da necessidade da dor como modo de conhecimento de nós mesmos, a qual é apresentada em oposição à alegria da descoberta do narrador, que carrega verdades gerais relativas aos caracteres e às paixões, verdades que emergem a partir do sofrimento, após a aproximação dos sentimentos pela inteligência (PROUST, 2002). Essa oposição conduz a outra, a descoberta de que tudo aquilo que tinha considerado vão, sem sentido (como a frivolidade, a preguiça, a dor), constituiria, na verdade, todo o material armazenado para a obra, portanto, o que pensava ser desperdício se torna extremamente profícuo.

O desconhecimento de ter vivido para a sua vocação se transforma em conhecimento que permitirá o resultado, por isso, sua vida poderia e não poderia se resumir na vocação, o que pensava ser nada revela o sentido de toda uma vida. No entanto, essa vida pressupõe morte. Para explicitar esta pressuposição é preciso voltar ao volume anterior e compreender a necessidade da dor e a morte do esquecimento.

O mesmo movimento que torna manifesta a ilusão de que o que pensava ser nada é tudo ocorre no volume *A fugitiva*, que se estrutura duplamente: como desconstrução da ilusão de si e como lento e complexo movimento do esquecimento em direção a um outro de si:

Mas estas palavras: 'A Senhorita Albertine foi-se embora' acabavam de provocar no meu peito uma dor tal que eu sentia não poder suportá-la por muito tempo. Assim, o que pensara não ser nada para mim era simples-

mente toda a minha vida. Como a gente se desconhece (PROUST, 2002, p. 317).

A perda de Albertine provoca a necessidade de reestruturar o si mesmo para compreender o verdadeiro sentido dado ao que se pensou ter vivido. Assim, a fuga de sua amada desencadeia sentimentos novos, o objeto de seu desejo muda porque a prisioneira se torna fugitiva, então, será preciso modificar a interpretação da imagem que tinha do outro, o que gerará a mudança de critérios para julgar a si mesmo.

Neste complexo processo de conscientização dos sentimentos e de mudanças de imagens e modelos em relação a sua amada e a si mesmo, encontramos a retificação até mesmo das lembranças que, retrospectivamente, adquirem novos sentidos a partir do novo acontecimento. Por esse motivo, a dor e o processo de esquecimento reúnem, ao mesmo tempo, sentimentos novos cujos sentidos são descobertos em analogia com os antigos, instaurando a circularidade que faz emergir os antigos eus nos novos.

A composição formal deste volume é um enorme trabalho do negativo, “esquecimento involuntário” (TADIÉ, 1995, p. 404), e a perda do outro gera uma luta dentro do si mesmo em vários níveis. Inicialmente, desconstruir a ilusão de que o outro era nada, a negação abstrata de Albertine que poderia acontecer quando ela estava presente, torna-se ineficaz quando ela foge; posteriormente, como o ponto de chegada ao eu atual se constituiu pela vivência desse amor, é preciso negar dialeticamente, ou seja, incorporar essa história e fazer a experiência de luto através da dor profunda. Contudo, nessa luta, o que se descobre é que esta dor é análoga a outras dores já vividas, propiciando o desvelamento de outros eus que, concomitantemente, são os mesmos. Há várias passagens em que este movimento se repete, não só no amor, mas também no mundo mundano, na viagem a Veneza e no retorno a Combray.



Inicialmente, apresenta-se a constatação de que a dor produz o pensamento como violência sobre si mesmo, que deverá reconhecer seus momentos, o que conduzirá a um re-arranjo das camadas de experiência segundo sua última configuração, rearranjo que se repete a cada nova compreensão e renova o processo da morte e do luto:

É a vida que, aos poucos, caso a caso, nos permite assinalar que o mais importante para o nosso coração, ou para nosso espírito, não nos é ensinado através do raciocínio, mas por outras forças. E então é a própria inteligência que, percebendo a sua superioridade, abdica pelo raciocínio diante deles, aceitando tornar-se sua colaboradora e serva. É a fé experimental. A desgraça imprevista que me abatera, parecia-me já tê-la conhecido igualmente [...] (PROUST, 2002, p. 320, tradução nossa, modificada).

Logo a seguir, a dor física que o corpo registra: “[...] transforma a dor em algo contemporâneo a todas as épocas de nossa vida [...]” (PROUST, 2002, p. 321), faz surgir a lembrança do sofrimento modelar na espera pelo beijo da mãe que tornava todos os outros sonhos irrelevantes. A analogia com o sofrimento de então repõe a questão do desejo sob a forma da contradição entre ausência e presença; enquanto Albertine estava a seu lado, o devaneio de viajar a Veneza era uma aspiração importante, sua presença na vida tediosa o impedia de realizar esse desejo, entretanto, após sua partida, esse desejo perde sua significação, da mesma forma que o desejo de conhecer a Sra. de Guermites se esvanecia com a proximidade da hora do beijo da mãe:

Como estava longe de mim, agora, o desejo de ir a Veneza! Como antigamente, em Combray, o desejo de conhecer a Sra. de Guermites, ao chegar a hora em que eu só pensava numa coisa: ter mamãe no meu quarto. E, de fato, eram todas as inquietações experimentadas desde a infância que, ao apelo da angústia nova, tinham ocorrido para reforçá-la, amalgamar-se a ela numa massa homogê-

nea que me sufocava (PROUST, 2002, p. 321).

A aprendizagem de si através desta dor é a aprendizagem da impossibilidade de satisfazer o desejo numa nova dimensão, a compreensão do desconhecimento do mesmo desejo que, neste momento, se descobre na instância da perda do outro, que, por sua vez, produz a perda de si mesmo e de muitos outros eus de si e do outro. No entanto, percebe-se que há desejos cuja satisfação se revela ilusória, propiciando a morte de uma satisfação incompleta, não somente na desilusão, mas também na insignificância, o que promove a retomada de significados antigos no novo esquecimento. Podemos abordar estes dois aspectos a partir de dois episódios: a retomada da cena do beijo da mãe no amor por Albertine e a viagem a Veneza.

Mas, em troca do que a imaginação deixa esperar e que nós fazemos, inutilmente, tanto esforço para tentar descobrir, a vida nos oferece algo que estávamos bem longe de supor. [...] Sim, é pelo boa-noite, pelo beijo dessa tal estranha que, ao fim de alguns anos, eu deveria sofrer tanto como em criança, quando mamãe não podia ir verme (PROUST, 2002, p. 377).

Lendo atentamente o contexto deste trecho, percebemos que o desenlace desta história de amor, a morte de Albertine, que provoca uma reflexão sobre a luta pelo domínio do objeto que era mantido prisioneiro, o sentido deste amor tinha-se estruturado como relação que garantia uma falsa posse. No volume *A prisioneira*, o mistério deste outro objeto do amor era insondável. A novidade desta dor da perda permite o descobrimento de que o próprio eu também contem caminhos enigmáticos insuspeitados, assim como os caminhos da vida e do mundo se manifestam ao acaso de circunstâncias que não dependem do desejo dos seres e muito menos de sua intervenção e influência consciente. Pensando a respeito das ações e reações recíprocas e suas interpretações, as circunstâncias nas quais se desenvolveu o desejo e a posse de

Albertine provocam sofrimentos que direcionam para a autor-reflexão, percebendo que o outro existe em relação a si, mas que o si se descobre pelo outro (PROUST, 2002, p. 376).

O eu, reduzindo os sentimentos do outro à sua própria vivência, afasta-se daquilo que quer possuir, como se as interpretações a respeito do ser do outro destruíssem as possibilidades de compreensão verdadeira e, portanto, da posse real; assim, as falsas leituras produzem novas circunstâncias imprevistas e indesejáveis. No entanto, o inverso também ocorre: assim como o eu projeta no outro seu interior, ele também é modificado pelas consequências dessa projeção, o outro reage, foga e morre.

As novas peripécias desse amor propiciam a gratuidade de um acontecimento que não pôde evitar e que provoca dor e culpa numa alma que só superficialmente parece estar dialogando consigo mesma. As reações recíprocas constroem uma nova situação, impõem desvios desconhecidos e incontroláveis, tanto no exterior quanto no interior. A prisão cada vez mais dura de Albertine, que resultara de seu trabalho mental, produzem:

[...] problemas novos e cada vez mais dolorosos para a minha psicologia, pois ela se evadira de minha prisão para ir matar-se sobre um cavalo que, sem mim, ela não teria possuído [...]. De forma que este longo queixume da alma que julga viver fechada em si mesma só em aparência é um monólogo, visto que os ecos da realidade a fazem desviar-se, e essa vida é como um ensaio de psicologia subjetiva espontaneamente desenvolvido, mas que, a todo momento, fornece sua ação ao romance puramente realista, de uma outra realidade, de uma outra existência, cujas peripécias, por seu turno, vêm infletir a curva e mudar a direção do ensaio psicológico (PROUST, 2002, p. 376-377).

O ensaio psicológico possui um movimento circular: ao mesmo tempo que modifica o real, essa transformação volta e influi no próprio ensaio. Em função da mútua influência entre as peripécias da vida e o pensamento do herói, podemos inferir

um eu que se procura a si mesmo espontaneamente, mas também, um sujeito que precisa dialogar com o mundo e se rever nessa interlocução, mudando seus critérios de interpretação e desenvolvendo sua experiência. A inflexão propiciada pelo outro da existência produz acontecimentos imprevistos que fogem ao controle, determinando a responsabilidade indireta pela morte de seu amor, gerando uma culpa que remete a outra culpa.

Notamos como este eu que está surgindo na dor da perda desenvolve uma retomada de outras perdas e de outras culpas em eus antigos aparentemente esquecidos, mas, na verdade, eus que retornam em períodos intermitentes, sempre por caminhos diferentes e, no entanto, percorrendo o mesmo movimento. Neste momento, a reconstituição da lembrança dos acontecimentos fortuitos que levaram a conhecer Albertine provoca uma espécie de lamento arrependido porque se o herói não houvesse entrado em sua vida, ela poderia ainda estar viva e ele poderia ter vivido sem esse martírio. A culpa se instaura: “E assim, parecia-me que, devido à minha ternura apenas egoísta, eu havia deixado que Albertine morresse, como havia assassinado a minha avó” (PROUST, 2002, p. 377).

Considerando o episódio da descoberta da morte da avó, no volume *Sodoma e Gomorra*, podemos entender o mesmo movimento de constituição da experiência por caminhos de diferentes vivências. Diferente da nova dor provocada imediatamente pela perda, a dor antiga ocorreu por meio da irrupção da memória involuntária. A morte da avó não foi sentida no momento em que aconteceu, só foi reconhecida como tal mais de um ano após a sua ocorrência, em função da repetição de circunstâncias que produziram a possibilidade de recuperar a memória. Um gesto do corpo, no contexto de um sentimento confuso de abandono, provoca a necessidade de uma presença que só agora se compreende perdida.

A duplicação do eu pressupõe o esquecimento que propicia

a lembrança, apontando para a ambivalência da posse da própria história que permanece em aberto porque as hipóteses são simultaneamente improváveis: não se carregam todos os sentimentos já vivenciados de modo que estejam à disposição da memória voluntária, mas também seria inexato dizer que tenham fugido e que possam retornar. Na verdade, permanecem ocultos num domínio desconhecido: “[...] como se houvesse no tempo séries diversas e paralelas [...]” (PROUST, 2002, p. 625).

Parece haver uma permanência oculta na transformação, uma concomitância que se desconhece, o herói comenta como o eu que acabou de renascer naturalmente esquece tudo o que tinha se passado, todos os eus que tinha sido desde que a avó morrera até este minuto que lhe permite sentir a dor autêntica, como se o eu pudesse conter também séries diferentes e paralelas. O resultado deste processo é a constatação da perda irreversível e a nova aprendizagem sobre o eu:

E agora que essa felicidade renascia, sabia que poderia esperar horas e horas, que ela nunca mais estaria a meu lado, [...] reencontrando-a enfim, acabava de saber que a perdera para sempre. Perdida para sempre; eu não podia compreender e me exercitava em sofrer a dor dessa contradição: de um lado, uma existência, uma ternura, sobreviventes em mim tais como as havia conhecido [...]; e de outro lado, logo que eu revivera essa felicidade como atual, senti-la atravessada pela certeza, que se lançava como uma dor física à repetição, de um nada que havia apagado minha imagem dessa ternura, que havia destruído essa existência [...] (PROUST, 2002, p.625).

A certeza da perda revela uma contradição do eu que se ocultava, a permanência e a transformação, a sobrevivência e o nada simultâneos possibilitam a dor da perda que é também uma perda de si, o que torna sua avó uma estranha para a qual agora ele é nada. No entanto, é preciso extrair alguma verdade da impressão dolorosa e da contradição incompreensível.

Empenhado no exercício do sofrimento, a suspeita dessa verdade consiste no reconhecimento de uma fissura do eu: “[...] mais que a própria morte, a brusca revelação da morte, como um raio, abriu em mim um duplo e misterioso sulco, segundo um gráfico sobrenatural, inumano” (PROUST, 2002, p. 627).

O esquecimento da avó durante o período anterior a esta descoberta é atribuído a uma negação que o preservara da dor, negação que tem uma tarefa muito útil, mas que se manifesta no enigma do sonho, como o pesadelo que o herói terá logo a seguir. Negação que é agora sobressumida pela descoberta da perda para sempre e que deverá constituir o novo eu onde a morte é interiorizada.

Pode-se compreender as diversas camadas superpostas das experiências comparando os dois tipos de perda: a da avó e a do amor. Ambas são semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. Como já mencionamos, a dor nos torna contemporâneos de outras épocas da nossa vida, mas também há uma diferença qualitativa entre as duas perdas, o que determinará também outro modo de conhecimento e de esquecimento: o novo saber da morte da avó é um só, mas será preciso esquecer muitas Albertines; Albertine remete a muitos espaços e tempos diferentes enquanto que a avó pertence ao paraíso do universo infantil onde as primeiras vivências se formaram e, portanto, a uma realidade mais “inteira” do que as múltiplas faces de seu amor que é um ser em fuga.

A vivência da lembrança da avó (PROUST, 2002) é extremamente significativa porque reenvia a um si mesmo que fez o caminho de sua formação a partir de um outro que somente muito depois se reconhece como essencial, como universo perdido. A avó era uma parte dele mesmo, pertencia ao mundo que constituía o modelo do desejo sempre procurado e inatingível. Mas é o mesmo eu egoísta que se culpabiliza pela morte das duas, culpa que tem também significados distintos: deixou morrer Abertine, mas assassinou a avó pelos desgostos que lhe causou.

As duas perdas, no entanto, conduzem a uma reflexão sobre o desconhecimento de si, sobre a ilusão de uma negação abstrata que não permite tomar consciência da importância desse sentimento pelo outro; em ambos os movimentos é preciso que a violência do pensamento force uma revisão que coloque no lugar adequado a relevância de um sentir interpretado equivocadamente, gerando novas compreensões sobre o si mesmo, fazendo emergir a necessidade de uma negação que conserve e incorpore a perda.

Há uma passagem pelo outro que deve ser reconhecida para atingir o si, porque as perdas manifestam necessidades diferentes com significados distintos, duplicam e reduplicam o eu, multiplicando as interpretações de si. É um verdadeiro trabalho de luto que vemos aqui: a avó e Albertine são irrecuperáveis, mas provocarão a descoberta dos múltiplos eus, diversidade subjacente formada pela incorporação da perda que constitui a experiência do eu.

Nesse sentido, a lembrança da dor anterior pela perda da avó na dor por Albertine, assim como um pouco antes a lembrança da necessidade da mãe na de Albertine, acrescenta nova camada que aumenta o sofrimento, revelando que as séries paralelas podem se cruzar, ampliando as possibilidades de ser, disseminadas pelos inumeráveis seres que podem ter algum sentido para o herói. Esta ampliação é possível em relação ao presente e ao passado, na medida em que acontece tanto como irrupção da memória involuntária quanto na compreensão do presente através do passado, retificando retrospectivamente o significado do que aconteceu e do que se foi.

É significativo que após todo o exercício de sofrimento por Albertine, quando o esquecimento se instala e o herói consegue realizar o desejo de conhecer Veneza, ocorra nova lembrança do episódio da descoberta da morte da avó, não por acaso, no contexto do relato da viagem a Veneza no penúltimo capítulo

de *A fugitiva*, no qual o leitor fica impressionado pela constante lembrança da cidade de Combray (nas primeiras três páginas, Combray é citada nove vezes).

Parece mais uma viagem para dentro da lembrança da cidade da infância do que a realização de um desejo antigo como era o de conhecer Veneza. A cada descrição ou comentário sobre Veneza corresponde uma descrição e comentário sobre Combray. Não há nesta narração da viagem nenhuma desilusão explícita, mas a constante recordação de Combray revela uma nostalgia do passado, desta vez não necessariamente involuntária, mas igualmente profunda, o que não o impede de fruir Veneza, mesmo melancolicamente. O desejo de conhecer Veneza se tornou, de alguma maneira, insignificante, sua avó foi incorporada nas conversas com a mãe e na onipresente Combray, que será revisitada no último capítulo deste volume, mas sem nenhuma curiosidade de revê-la. A incorporação da perda e o luto propiciam a tristeza de saber que a visita à Combray “real” não recuperará o tempo perdido.

Em compensação, Albertinhe foi esquecida e, embora seja um esquecimento de qualidade diferente do da avó, o movimento da experiência que a relação com ela gerou propicia uma sobressunção mais vasta, até mesmo em relação aos universos dos eus anteriores como mortes incorporadas. Num ato falho de interpretação, a lembrança de Albertine se apresenta sem nenhuma exaltação de sentimento, o eu que a amava não existe mais: “Eu teria sido incapaz de ressuscitar Albertine porque era incapaz de ressuscitar a mim mesmo, de ressuscitar o meu eu de antigamente” (PROUST, 2002, p. 486).

#### 4 A morte dos eus

A morte dos eus se relaciona com o que Tadié denomina esquecimento involuntário, na experiência como movimento que inclui uma subjetividade se diversificando como um eu que é,



simultaneamente, outros, fluindo como oposição e negação dos si mesmos. A dialética entre memória e esquecimento abre-se a partir da contradição que se instaura: embora morta, Albertine permanece viva de muitas maneiras, especialmente no longo trabalho de investigação sobre sua vida oculta; concomitante e furtivamente, vai se construindo a obra do esquecimento, o que poderíamos chamar de uma morte vivida. O esquecimento involuntário ocorre depois de cada compreensão; por meio de rotas diferentes, as camadas de vivências resgatadas pela dor da perda constituem o material que constrói a experiência como mortes sucessivas:

Não era apenas Albertine que não passava de uma sucessão de momentos, era também eu próprio. [...] A complexidade do meu amor, de minha pessoa, multiplicava e diversificava meus sofrimentos (PROUST, 2002, p. 369).

Neste contexto, podemos inferir que a memória coloca-se na instância da mesmidade, da unidade, da repetição e da sobrevivência, torna-nos semelhantes, dado o resgate dos sofrimentos anteriores, embora de maneiras diferentes. No entanto, a semelhança ocorre em função da consideração do reverso da memória, o esquecimento, que, por sua vez, torna-nos diferentes, outros, novos e nada. Todo o volume de *A fugitiva* pode também ser interpretado como o longo trabalho do negativo, percorrendo simultaneamente o caminho contrário ao da memória. Assim, a reconstituição do passado até a exaustão, tudo aquilo que conduz ao extremo sofrimento, vai tornando possível a aparição de um novo eu na descoberta, atual e também retrospectiva, da necessidade de morrer: “Nossa afeição pelos outros não diminui porque estão mortos, mas porque nós próprios morremos” (PROUST, 2002, p. 449).

Quanto maior é o avanço do herói na compreensão de que desconhecia a verdadeira Albertine, quanto mais vasculha o passado para conhecer a estrutura de seu amor, maior é a des-

coberta de si, mais eus são ressuscitados, mais eus é necessário esquecer. Configura-se um eu “partido em dois”, uma “criatura anfíbia” (PROUST, 2002, p. 400-401) que vive concomitantemente no passado e no presente, no começo sem poder acreditar na morte da amada, mas paulatinamente se surpreendendo de que ela estivesse ainda tão presente e viva em sua vida. Esse caminho constitui uma forma de aprendizagem da separação, simultâneo a uma desaprendizagem de si nas outras separações reencontradas. Desta perspectiva, se, por um lado, prefigura-se o esquecimento, por outro, é necessário reconstituir o movimento para compreendê-lo:

Logos que me apercebi disso, senti um terror pânico. Esta calma que eu acabara de desfrutar era a primeira aparição daquela grande força intermitente, que ia lutar em mim contra a dor, contra o amor, e acabaria por triunfar sobre eles. [...] E meu amor, que acabava de reconhecer o único inimigo pelo qual poderia ser derrotado, o esquecimento, pôs-se a tremer, como um leão que, na jaula onde o trancaram, avista de súbito a serpente píton que há de devorá-lo.

E, de fato, eu bem percebia agora que, antes de esquecê-la inteiramente, como um viajante que volta pela mesma estrada ao ponto de onde partiu, era-me preciso, antes de atingir a indiferença inicial, atravessar em sentido contrário todos os sentimentos pelos quais passara antes de chegar ao meu grande amor. Porém essas etapas, esses momentos do passado, não são imóveis [...] (PROUST, 2002, p. 338, 421).

É importante atentar para o contexto desta reflexão, no segundo capítulo de *A fugitiva*, no qual se descreverão as diversas etapas do esquecimento, mas também se revelará a transformação da personagem Gilberte, o primeiro amor. Esta duplicidade contém aspectos que remetem tanto à memória quanto ao esquecimento.

Em primeiro lugar, da mesma forma que o herói constata

com terror o início do desenvolvimento de um outro de si, outras personagens são mostradas de pontos de vista diferentes e até impensáveis se consideramos o enredo na construção anterior; no segundo e no terceiro capítulos ocorrem transformações significativas em várias dimensões e os caracteres adquirem novos contornos, como se os eus das personagens também morressem. As reviravoltas concernentes aos amores, às amizades, ao mundo mundano são apresentadas ironicamente surpreendentes e assustadoramente contraditórias, modificando substancialmente o rumo dos diversos fios da história, apresentando novas configurações inesperadas.

Em segundo lugar, ao percorrer o caminho contrário ao dos sentimentos, as mudanças também remetem a um esquecimento anterior, instrutivo a respeito do momento presente. Não é por acaso que, comentando duas tendências contrárias, a procura da felicidade e a antecipação da desilusão, surja a lembrança do rompimento com o primeiro amor (PROUST, 2002), no qual aconteceu que a mentira se tornou verdade e o esquecimento que se temia virou real, como no atual. A retomada deste outro volume pode ser particularmente interessante porque nos mostra o que o herói denomina “suicídio do eu” (PROUST, 2002, p. 467), apresentando uma morte diferente, embora conduza a um mesmo resultado.

Ora, o resultado é o esquecimento. Apesar da diferença (a morte do eu que amou Gilberte é um suicídio enquanto que o eu que amou Albertine vai morrendo de uma forma quase inconsciente), ambos os esquecimentos se produzem em função do hábito da separação; o atual remete ao anterior naquilo que tem de semelhante e ambos se transformam numa verdade mais geral: a necessidade do luto e a conseqüente substituição do eu “no deslumbramento de nos termos transformado em outra criatura, uma criatura para a qual o sofrimento de sua predecessora não passa do sofrimento de outrem, do qual poderá falar com

piedade, porque não o sente” (PROUST, 2002, p. 449).

É relevante considerar que, embora a substituição do eu possa vir a constituir um sentimento de indiferença, o subsequente distanciamento provoca um outro tipo de lembrança, imagens belas e doces de um amor que, por não mais existir, pode ser olhado retrospectivamente de outra maneira, o que possibilita o surgimento de um outro do outro, a revelação daquilo que o sofrimento não permitia ver, propiciando um perdão também retrospectivo (PROUST, 2002).

*A fugitiva* culmina numa reflexão que reestabelece a circularidade, a descoberta de que o herói falhou em relação a seus amores. Os erros de sua primeira visão surgem na revelação inesperada de uma proximidade não compreendida, o que revela mais um eu que desconhecia. Assim, podemos concluir que o trabalho silencioso do esquecimento repõe a possibilidade da lembrança e de sua retificação em outras interpretações, passíveis de serem transformadas a cada novo eu. **Nosso eu é formado pela superposição de nossos estados sucessivos.** “Mas essa superposição não é imutável como a estratificação de uma montanha. As transformações geológicas fazem aflorar à superfície, perpetuamente, camadas mais antigas” (PROUST, 2002, p. 409).

Neste sentido, os eus mortos se conservam, após o sepultamento. Eles podem ser ressuscitados pelos sofrimentos que certamente virão, constituem tanto motivo de aprendizagem como possibilidade de irrupções da memória involuntária. Assim, a conservação nos coloca no cerne de um eu cindido, que pode a qualquer momento mergulhar no presente e no passado concomitantemente, recuperando camadas sucessivas e multiplicando os sentidos possíveis. Um eu cuja identidade permanece sem substrato ou síntese possível:

E como nos novos espaços [...], a minha vida, oferecendo uma sucessão de períodos nos quais, depois de um certo intervalo, já não subsistia no seguinte nada do que susten-

tava o precedente, apareceu-me como algo tão destituído do apoio de meu eu individual, idêntico e permanente, algo tão inútil no futuro, tão comprido no passado, algo que a morte bem poderia interromper aqui ou ali, sem de modo algum concluir [...] (PROUST, 2002, p. 448).

Se consideramos a solução apresentada pelo último volume, *O tempo recuperado*, retornamos à aporia inicial e seus desdobramentos ineludíveis: se, de um lado, o eu não tem suporte nem conclusão, de outro, a descoberta final do reencontro com o tempo, o “tempo incorporado” (PROUST, 2002), salva todos os eus através do trabalho da inteligência sobre a vida que ignorava carregar e que constitui o material do artista. Vislumbramos a circularidade porque os dias antigos podem ser reencontrados por meio do esforço no mergulho dentro de si, o que pressupõe a permanência na transformação, a continuidade na descontinuidade, que formará a obra. O tilintar da sineta em Combray, sinalizando a possível realização da expectativa da presença da mãe, após tantos anos, ainda é ouvido interiormente:

Portanto, era ali que esse tilintar permanecia sempre, e também, entre ele e o momento presente, todo esse passado a desenrolar-se indefinidamente, e que eu não sabia que carregava. Eu já existia quando soara, e desde então, para que ouvisse ainda esse tilintar, fora preciso que não houvesse descontinuidade, que nem por um momento, nunca deixasse de existir, de pensar, de ter consciência de mim, pois esse minuto antigo ainda me agarrava, eu podia então recuperá-lo, voltar a ele, para isso bastando apenas penetrar mais profundamente no meu íntimo (PROUST, 2002, p. 795).

Nas duas últimas citações podemos constatar a aporia fundamental; o eu não é idêntico nem permanente e, ao mesmo tempo, não houve descontinuidade, o eu que pensava ser outro é também o mesmo e vice-versa. A solução que pacifica essa contradição na descoberta da obra é problemática; no entanto, como se apresenta

no final da obra anunciando seu começo, podemos pensar que o espaço narrativo atesta a problemática do eu a partir de sua própria estruturação circular. A multiplicidade de eus apresenta o incessante esfacelamento e a incorporação da experiência como interpretação de si na criação literária. Nesse sentido, parece que tanto *A prisioneira* quanto *A fugitiva* constituem uma perda de si na passagem pelo outro, o retorno a si enriquecido por esta passagem e a consequente transformação da identidade na diferença indefinidamente retomada pela circulação de sentido no romance, portanto, infinitamente aberta a novos sentidos.

## Nota

<sup>1</sup> Utilizamos *Recherche* como abreviação do título original *À la recherche du temps perdu*, em português: Em busca do tempo perdido.

## Referências

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Phänomenologie des Geistes**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1988.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997. v. 3.

TADIÉ, Jean-Yves. **Proust et le roman**. Paris: Gall, [20--?].

Recebido em: 17 de outubro de 2007.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2007.